

# 25 de abril 25 poemas



CÂMARA MUNICIPAL  
**PAREDES**

## Índice

Autor	Página
António Gedeão	3
David Mourão Ferreira / Alain Oulman	4
Eugénio de Andrade	5
Jorge de Sena	7
José Afonso	8, 9
José Carlos Ary dos Santos	11
José Fanha	12
José Luís Tinoco	13
José Niza	15
Manuel Alegre	16, 17, 19, 20
Miguel Torga	21, 23
Natália Correia	24
Sérgio Godinho	25, 27
Sidónio Muralha	28
Sophia de Mello Breyner Andresen	29, 31, 32, 33, 34



Declamação dos poemas pelo ator Fernando Soares,  
Amigo da Cultura de Paredes (clique aqui para ouvir os poemas)



## Pedra Filosofal

António Gedeão

Eles não sabem que o sonho  
é uma constante da vida  
tão concreta e definida  
como outra coisa qualquer,  
como esta pedra cinzenta  
em que me sento e descanso,  
como este ribeiro manso,  
em serenos sobressaltos,  
como estes pinheiros altos,  
que em oiro se agitam,  
como estas aves que gritam  
em bebedeiras de azul.

Eles não sabem que o sonho  
é vinho, é espuma, é fermento,  
bichinho alacre e sedento,  
de focinho pontiagudo,  
que foça através de tudo  
num perpétuo movimento.

Eles não sabem que o sonho  
é tela, é cor, é pincel,  
base, fuste, capitel,  
arco em ogiva, vitral,  
pináculo de catedral,  
contraponto, sinfonia,  
máscara grega, magia,  
que é retorta de alquimista,  
mapa do mundo distante,  
rosa dos ventos, Infante,  
caravela quinhentista,  
que é cabo da Boa Esperança,

ouro, canela, marfim,  
florete de espadachim,  
bastidor, passo de dança,  
Colombina e Arlequim,  
passarola voadora,  
pára-raios, locomotiva,  
barco de proa festiva,  
alto-forno, geradora,  
cisão de átomo, radar,  
ultra-som, televisão,  
desembarque em foguetão  
na superfície lunar.

Eles não sabem, nem sonham,  
que o sonho comanda a vida.  
Que sempre que o homem sonha  
o mundo pula e avança  
como bola colorida  
entre as mãos de uma criança.



## Abandono

Intérprete: Amália Rodrigues

Composição: David Mourão Ferreira / Alain Oulman

Por teu livre pensamento  
Foram-te longe encerrar  
Tão longe que o meu lamento  
Não te consegue alcançar  
E apenas ouves o vento

E apenas ouves o mar  
Levaram-te a meio da noite  
A treva tudo cobria

Foi de noite numa noite  
De todas a mais sombria  
Foi de noite, foi de noite  
E nunca mais se fez dia.

Ai! Dessa noite o veneno  
Persiste em me envenenar  
Oíço apenas o silêncio  
Que ficou em teu lugar  
E ao menos ouves o vento  
E ao menos ouves o mar



## É Urgente o Amor

Eugénio de Andrade

É urgente o amor.  
É urgente um barco no mar.

É urgente destruir certas palavras,  
ódio, solidão e crueldade,  
alguns lamentos,  
muitas espadas.

É urgente inventar alegria,  
multiplicar os beijos, as searas,  
é urgente descobrir rosas e rios  
e manhãs claras.

Cai o silêncio nos ombros e a luz  
impura, até doer.  
É urgente o amor, é urgente  
permanecer.





**Praça do Comércio.** Fotografia nº 53 Registo nº 1069 Ficheiro: opm1069.jpg

Fonte: Centro de Documentação 25 de Abril - Universidade de Coimbra

## A Cor da Liberdade

Jorge de Sena

Não hei-de morrer sem saber  
qual a cor da liberdade.

Eu não posso senão ser  
desta terra em que nasci.  
Embora ao mundo pertença  
e sempre a verdade vença,  
qual será ser livre aqui,  
não hei-de morrer sem saber.

Trocaram tudo em maldade,  
é quase um crime viver.  
Mas, embora escondam tudo  
e me queiram cego e mudo,  
não hei-de morrer sem saber  
qual a cor da liberdade.



## Os Índios da Meia-Praia

José Afonso

Álbum "Com as Minhas Tamanquinhas"

Aldeia da Meia-Praia  
Ali mesmo ao pé de Lagos  
Vou fazer-te uma cantiga  
Da melhor que sei e faço

Eram mulheres e crianças  
Cada um c'o seu tijolo  
"Isto aqui era uma orquestra"  
Quem diz o contrário é tolo

De Monte-Gordo vieram  
Alguns por seu próprio pé  
Um chegou de bicicleta  
Outro foi de marcha a ré

E se a má lingua não cessa  
Eu daqui vivo não saia  
Pois nada apaga a nobreza  
Dos índios da Meia-Praia

Quando os teus olhos tropeçam  
No voo duma gaivota  
Em vez de peixe vê peças  
De ouro caindo na lota

Foi sempre a tua figura  
Tubarão de mil aparas  
Deixar tudo à dependura  
Quando na presa reparas

Quem aqui vier morar  
Não traga mesa nem cama  
Com sete palmos de terra  
Se constrói uma cabana

Das eleições acabadas  
Do resultado previsto  
Saiu o que tendes visto  
Muitas obras embargadas

Tu trabalhas todo o ano  
Na lota deixam-te mudo  
Chupam-te até ao tutano  
Levam-te o couro cabeludo

Mas não por vontade própria  
Porque a luta continua  
Pois é dele a sua história  
E o povo saiu à rua

Quem dera que a gente tenha  
De Agostinho a valentia  
Para alimentar a sanha  
De esganar a burguesia

Mandadores de alta finança  
Fazem tudo andar pra trás  
Dizem que o mundo só anda  
Tendo à frente um capataz

Adeus disse a Monte-Gordo  
(Nada o prende ao mal passado)  
Mas nada o prende ao presente  
Se só ele é o enganado

Eram mulheres e crianças  
Cada um c'o seu tijolo  
"Isto aqui era uma orquestra"  
Quem diz o contrário é tolo

Oito mil horas contadas  
Laboraram a preceito  
Até que veio o primeiro  
Documento autenticado

E toca de papelada  
No vaivém dos ministérios  
Mas hão-de fugir aos berros  
Inda a banda vai na estrada

## **Vejam bem**

José Afonso  
in Cantares de Andarilho (1968)

Vejam bem  
que não há só gaivotas em terra  
quando um homem se põe a pensar  
quando um homem se põe a pensar

Quem lá vem  
dorme à noite ao relento na areia  
dorme à noite ao relento no mar  
dorme à noite ao relento no mar

E se houver  
uma praça de gente madura  
e uma estátua  
e uma estátua de de febre a arder

Anda alguém  
pela noite de breu à procura  
e não há quem lhe queira valer  
e não há quem lhe queira valer

Vejam bem  
daquele homem a fraca figura  
desbravando os caminhos do pão  
desbravando os caminhos do pão

E se houver  
uma praça de gente madura  
ninguém vai  
ninguém vai levantá-lo do chão





**Na Praça da Figueira.** Fotografia nº 6 Registo nº 1021 Ficheiro: opm1021.jpg

*Fonte: Centro de Documentação 25 de Abril - Universidade de Coimbra*

## Tourada

Intérprete: Fernando Tordo

Música: Fernando Tordo

Letra: José Carlos Ary dos Santos, "*As Palavras das Cantigas*"

(vencedora do festival da canção de 1973)

Não importa sol ou sombra  
camarotes ou barreiras  
toureamos ombro a ombro  
as feras.

Ninguém nos leva ao engano  
toureamos mano a mano  
só nos podem causar dano  
espera.

Entram guizos chocas e capotes  
e mantilhas pretas  
entram espadas chifres e derrotos  
e alguns poetas  
entram bravos cravos e dichotes  
porque tudo o mais  
são tretas.

Entram vacas depois dos forcados  
que não pegam nada.  
Soam brados e olés dos nabos  
que não pagam nada  
e só ficam os peões de brega  
cuja profissão  
não pega.

Com bandarilhas de esperança  
afugentamos a fera  
estamos na praça  
da Primavera.

Nós vamos pegar o mundo  
pelos cornos da desgraça  
e fazemos da tristeza  
graça.

Entram velhas doidas e turistas  
entram excursões  
entram benefícios e cronistas  
entram aldrabões  
entram marialvas e coristas  
entram galifões  
de crista.

Entram cavaleiros à garupa  
do seu heroísmo  
entra aquela música maluca  
do passodoblismo  
entra a aficionada e a caduca  
mais o snobismo  
e cismo...

Entram empresários moralistas  
entram frustrações  
entram antiquários e fadistas  
e contradições  
e entra muito dólar muita gente  
que dá lucro as milhões.  
E diz o inteligente  
que acabaram as canções.

## Abril

José Fanha

(do livro ainda inédito "Tempo azul")

Havia uma lua de prata e sangue  
em cada mão.

Era Abril.

Havia um vento  
que empurrava o nosso olhar  
e um momento de água clara a  
escorrer  
pelo rosto das mães cansadas.

Era Abril  
que descia aos tropeções  
pelas ladeiras da cidade.

Abril  
tingindo de perfume os hospitais  
e colando um verso branco em cada  
farda.

Era Abril  
o mês imprescindível que trazia  
um sonho de bagos de romã  
e o ar  
a saber a framboesas.

Abril  
um mês de flores concretas  
colocadas na espoleta do desejo  
flores pesadas de seiva e cânticos  
azuis um mês de flores um mês.

Havia barcos a voltar  
de parte nenhuma  
em Abril  
e homens que escavavam a terra  
em busca da vertical.

Ardiam as palavras  
Nesse mês  
e foram vistos  
dicionários a voar  
e mulheres que se despiam abraçando  
a pele das oliveiras.

Era Abril que veio e que partiu.

Abril  
a deixar sementes prateadas  
germinando longamente  
no olhar dos meninos por haver.



## Madrugada

Intérprete: Duarte Mendes  
Letra e Música: José Luís Tinoco  
(vencedora do festival da canção de 1975)

Dos que morreram sem saber porquê  
Dos que teimaram em silêncio e frio  
Da força nascida do medo  
Da raiva à solta manhã cedo  
Fazem-se as margens do meu rio.

Das cicatrizes do meu chão antigo  
E da memória do meu sangue em fogo  
Da escuridão a abrir em cor  
De braço dado e a arma flor  
Fazem-se as margens do meu povo

Canta-se a gente que a si mesma se  
descobre  
E acordem luzes arraias  
Canta-se a terra que a si mesma se  
devolve  
Que o canto assim nunca é demais

Em cada veia o sangue espera a vez  
Em cada fala se persegue o dia  
E assim se aprendem as marés  
Assim se cresce e ganha pé  
Rompe a canção que não havia

Acordem luzes nos umbrais que a  
tarde cega  
Acordem vozes, arraias  
Cantam despertos na manhã que a  
noite entrega  
Que o canto assim nunca é demais

Cantem marés por essas praias de  
sargaços  
Acordem vozes, arraias  
Corram descalços rente ao cais, abram  
abraços  
Que o canto assim nunca é demais  
O canto assim nunca é demais





*FT10116\_CX42\_EN14net - Tropas e tanques dos soldados de Abril, 25 de Abril de 1974, no largo do Carmo, Lisboa. Reconhece-se Salgueiro Maia, a esquerda.*

*Fonte: Centro de Documentação 25 de Abril - Universidade de Coimbra*

## E depois do Adeus

Intérprete: Paulo de Carvalho

Música: José Calvário

Letra: José Niza

(vencedora do festival da canção de 1974)

Quis saber quem sou  
O que faço aqui  
Quem me abandonou  
De quem me esqueci  
Perguntei por mim  
Quis saber de nós  
Mas o mar  
Não me traz  
Tua voz.

Em silêncio, amor  
Em tristeza e fim  
Eu te sinto, em flor  
Eu te sofro, em mim  
Eu te lembro, assim  
Partir é morrer  
Como amar  
É ganhar  
E perder

Tu vieste em flor  
Eu te desfolhei  
Tu te deste em amor  
Eu nada te dei  
Em teu corpo, amor  
Eu adormeci  
Morri nele  
E ao morrer  
Renasci

E depois do amor  
E depois de nós

O dizer adeus  
O ficarmos sós  
Teu lugar a mais  
Tua ausência em mim  
Tua paz  
Que perdi  
Minha dor que aprendi  
De novo vieste em flor  
Te desfolhei...

E depois do amor  
E depois de nós  
O adeus  
O ficarmos sós



## A Rapariga do País de Abril

Manuel Alegre

Habito o sol dentro de ti  
descubro a terra aprendo o mar  
rio acima rio abaixo vou remando  
por esse Tejo aberto no teu corpo.

E sou metade camponês metade marinheiro  
apascento meus sonhos iço as velas  
sobre o teu corpo que de certo modo  
é um país marítimo com árvores no meio.

Tu és meu vinho. Tu és meu pão.  
Guitarra e fruta. Melodia.  
A mesma melodia destas noites  
enlouquecidas pela brisa no País de Abril.

E eu procurava-te nas pontes da tristeza  
cantava adivinhando-te cantava quando o  
País de Abril se vestia de ti e eu perguntava  
atónito quem eras.

Por ti cheguei ao longe aqui tão perto  
e vi um chão puro: algarves de ternura.  
Quando vieste tudo ficou certo  
e achei achando-te o País de Abril.



## Abril de Sim, Abril de Não

Manuel Alegre

Eu vi Abril por fora e Abril por dentro  
vi o Abril que foi e Abril de agora  
eu vi Abril em festa e Abril lamento  
Abril como quem ri como quem chora.  
Eu vi chorar Abril e Abril partir  
vi o Abril de sim e Abril de não  
Abril que já não é Abril por vir  
e como tudo o mais contradição.  
Vi o Abril que ganha e Abril que perde  
Abril que foi Abril e o que não foi  
eu vi Abril de ser e de não ser.  
Abril de Abril vestido (Abril tão verde)  
Abril de Abril despido (Abril que dói)  
Abril já feito. E ainda por fazer.





*FT10117\_CX42\_EN14net - Multidão sobre as carrinhas militares, no dia 25 de Abril de 1974, no largo do Carmo, Lisboa.*

*Fonte: Centro de Documentação 25 de Abril - Universidade de Coimbra*

## Explicação do País de Abril

Manuel Alegre  
Praça da Canção

País de Abril é o sítio do poema.  
Não fica nos terraços da saudade  
não fica nas longas terras. Fica  
exactamente aqui tão perto que parece  
longe.

Tem pinheiros e mar tem rios  
tem muita gente e muita solidão  
dias de festa que são dias tristes às  
avessas é rua e sonho é dolorosa  
intimidade.

Não procurem nos livros que não vem  
nos livros País de Abril fica no ventre  
das manhãs fica na mágoa de o  
sabermos tão presente que nos torna  
doentes sua ausência.

País de Abril é muito mais que pura  
geografia é muito mais que estradas  
pontes monumentos viaja-se por  
dentro e tem caminhos veias  
- os carris infinitos dos comboios da  
vida.

País de Abril é uma saudade de  
vindima  
é terra e sonho e melodia de ser terra e  
sonho território de fruta no pomar das  
veias onde operários erguem as  
cidades do poema.

Não procurem na História que não ven  
na História.

País de Abril fica no sol interior das  
uvas fica à distância de um só gesto os  
ventos dizem que basta apenas  
estender a mão.

País de Abril tem gente que não sabe  
ler os avisos secretos do poema.  
Por isso é que o poema aprende a voz  
dos ventos para falar aos homens do  
País de Abril.

Mais aprende que o mundo é do  
tamanho  
que os homens queiram que o mundo  
tenha:  
o tamanho que os ventos dão aos  
homens  
quando sopram à noite no País de  
Abril.



## Trova do Vento que Passa

Manuel Alegre  
Praça da Canção, 1965

Pergunto ao vento que passa  
notícias do meu país  
e o vento cala a desgraça  
o vento nada me diz.

Pergunto aos rios que levam  
tanto sonho à flor das águas  
e os rios não me sossegam  
levam sonhos deixam mágoas.

Levam sonhos deixam mágoas  
ai rios do meu país  
minha pátria à flor das águas  
para onde vais? Ninguém diz.

Se o verde trevo desfolhas  
pede notícias e diz  
ao trevo de quatro folhas  
que morro por meu país.

Pergunto à gente que passa  
por que vai de olhos no chão.  
Silêncio — é tudo o que tem  
quem vive na servidão.

(...)

E a noite cresce por dentro  
dos homens do meu país.  
Peço notícias ao vento  
e o vento nada me diz.

Quatro folhas tem o trevo  
liberdade quatro sílabas.  
Não sabem ler é verdade  
aqueles pra quem eu escrevo.

Mas há sempre uma candeia  
dentro da própria desgraça  
há sempre alguém que semeia  
canções no vento que passa.

Mesmo na noite mais triste  
em tempo de servidão  
há sempre alguém que resiste  
há sempre alguém que diz não.



## Lamento

Miguel Torga

Pátria sem rumo, minha voz parada  
Diante do futuro!  
Em que rosa-dos-ventos há um  
caminho  
Português?  
Um brumoso caminho  
De inédita aventura,  
Que o poeta, adivinho,  
Veja com nitidez  
Da gávea da loucura?

Ah, Camões, que não sou, afortunado!  
Também desiludido,  
Mas ainda lembrado da epopeia...  
Ah, meu povo traído,  
Mansa colmeia  
A que ninguém colhe o mel!...  
Ah, meu pobre corcel  
Impaciente,  
Alado  
E condenado  
A choutar nesta praia do Ocidente...





*Local: "Lisboa: Avenida 24 de Julho" Mural artístico com a seguinte palavra de ordem:  
"Povo MFA" (Movimento das Forças Armadas)*

*Fonte: Centro de Documentação 25 de Abril - Universidade de Coimbra*

## **Liberdade**

Miguel Torga

Liberdade, que estais no céu...  
Rezava o padre-nosso que sabia,  
A pedir-te, humildemente,  
O pio de cada dia.  
Mas a tua bondade onnipotente  
Nem me ouvia.

— Liberdade, que estais na terra...  
E a minha voz crescia  
De emoção.  
Mas um silêncio triste sepultava  
A fé que ressumava  
Da oração.

Até que um dia, corajosamente,  
Olhei noutro sentido, e pude,  
deslumbrado,  
Saborear, enfim,  
O pão da minha fome.  
— Liberdade, que estais em mim,  
Santificado seja o vosso nome.



## Queixa das Almas Jovens Censuradas

Natália Correia  
Dimensão Encontrada, 1957

Dão-nos um lírio e um canivete  
e uma alma para ir à escola  
mais um letreiro que promete  
raízes, hastes e corola.

Dão-nos um mapa imaginário  
que tem a forma de uma cidade  
mais um relógio e um calendário  
onde não vem a nossa idade.

(...)

Penteiam-nos os crânios ermos  
com as cabeleiras das avós  
para jamais nos parecermos  
connosco quando estamos sós.

Dão-nos um bolo que é a história  
da nossa história sem enredo  
e não nos soa na memória  
outra palavra que o medo.

(...)

Dão-nos um nome e um jornal,  
um avião e um violino.  
Mas não nos dão o animal  
que espeta os cornos no destino.

Dão-nos marujos de papelão  
com carimbo no passaporte.  
Por isso a nossa dimensão  
não é a vida. Nem é a morte.



## **Liberdade**

Sérgio Godinho

Vimos com o peso do passado e da semente  
esperar tantos anos torna tudo mais urgente  
e a sede de uma espera só se ataca na torrente  
e a sede de uma espera só se ataca na torrente

Vivemos tantos anos a falar pela calada  
só se pode querer tudo quanto não se teve nada  
só se quer a vida cheia quem teve vida parada  
só se quer a vida cheia quem teve vida parada

Só há liberdade a sério quando houver  
a paz o pão  
habitação  
saúde educação  
só há liberdade a sério quando houver  
liberdade de mudar e decidir  
quando pertencer ao povo o que o povo produzir.





*FT10119\_CX42\_EN14net - Multidão e os soldados de Abril,  
no dia 25 de Abril de 1974, no largo do Carmo, Lisboa.*

*Fonte: Centro de Documentação 25 de Abril - Universidade de Coimbra*

## Que força é essa

Sérgio Godinho

Vi-te a trabalhar o dia inteiro  
construir as cidades para os outros  
carregar pedras, desperdiçar  
muita força para pouco dinheiro  
Vi-te a trabalhar o dia inteiro  
Muita força para pouco dinheiro

Que força é essa  
que força é essa  
que trazes nos braços  
que só te serve para obedecer  
que só te manda obedecer  
Que força é essa, amigo  
que força é essa, amigo  
que te põe de bem com os outros  
e de mal contigo  
Que força é essa, amigo  
Que força é essa, amigo  
Que força é essa, amigo

Não me digas que não me compreendes  
quando os dias se tornam azedos  
não me digas que nunca sentiste  
uma força a crescer-te nos dedos  
e uma raiva a nascer-te nos dentes  
Não me digas que não me compreendes



## Poema de Abril

Sidónio Muralha

Poemas de Abril. Lisboa : Prelo, 1974

A farda dos homens  
voltou a ser pele  
(porque a vocação  
de tudo o que é vivo  
é voltar às fontes).  
Foi este o prodígio  
do povo ultrajado,  
do povo banido  
que trouxe das trevas  
pedaços de sol.  
Foi este o prodígio  
de um dia de Abril,  
que fez das mordaças  
bandeiras ao alto,  
arrancou as grades,  
libertou os pulsos,  
e mostrou aos presos  
que graças a eles  
a farda dos homens  
voltou a ser pele.  
Ficou a herança  
de erros e buracos  
nas árduas ladeiras  
a serem subidas  
com os pés descalços,  
mas no sofrimento  
a farda dos homens  
voltou a ser pele  
e das baionetas  
irromperam flores.  
Minha pátria linda  
de cabelos soltos

correndo no vento,  
sinto um arrepio  
de areia e de mar  
ao ver-te feliz.  
Com as mãos vazias  
vamos trabalhar,  
a farda dos homens  
voltou a ser pele.



## 25 abril

Sophia de Mello Breyner Andresen,  
in "O Nome das Coisas", 1974

Esta é a madrugada que eu esperava

O dia inicial inteiro e limpo

Onde emergimos da noite e do silêncio

E livres habitamos a substância do tempo





*FT10121\_CX42\_EN14net - Soldados de Abril a entrar no quartel do Carmo, em Lisboa, no dia 25 de Abril de 1974, no largo do Carmo, Lisboa. Reconhece-se Salgueiro Maia de costas, no centro.*

*Fonte: Centro de Documentação 25 de Abril - Universidade de Coimbra*

## Cantata da Paz

Sophia de Mello Breyner Andresen

Vemos, ouvimos e lemos  
Não podemos ignorar  
Vemos, ouvimos e lemos  
Não podemos ignorar

Vemos, ouvimos e lemos  
Relatórios da fome  
O caminho da injustiça  
A linguagem do terror

A bomba de Hiroshima  
Vergonha de nós todos  
Reduziu a cinzas  
A carne das crianças

D'África e Vietname  
Sobe a lamentação  
Dos povos destruídos  
Dos povos destroçados

Nada pode apagar  
O concerto dos gritos  
O nosso tempo é  
Pecado organizado



## Chamo-te

Sophia de Mello Breyner Andresen,

Chamo-Te porque tudo está ainda no princípio  
E suportar é o tempo mais comprido.

Peço-Te que venhas e me dê a liberdade,  
Que um só dos teus olhares me purifique e acabe.

Há muitas coisas que eu quero ver.

Peço-Te que sejas o presente.  
Peço-Te que inundes tudo.  
E que o Teu reino antes do tempo venha.  
E se derrame sobre a Terra  
Em Primavera feroz precipitado.



## **Exílio**

Sophia de Mello Breyner Andresen,  
in "Livro Sexto"

Quando a pátria que temos não a temos  
Perdida por silêncio e por renúncia  
Até a voz do mar se torna exílio  
E a luz que nos rodeia é como grades



## Revolução

Sophia de Mello Breyner Andresen,  
in "O Nome das Coisas", 1974

Como casa limpa  
Como chão varrido  
Como porta aberta

Como puro início  
Como tempo novo  
Sem mancha nem vício

Como a voz do mar  
Interior de um povo

Como página em branco  
Onde o poema emerge

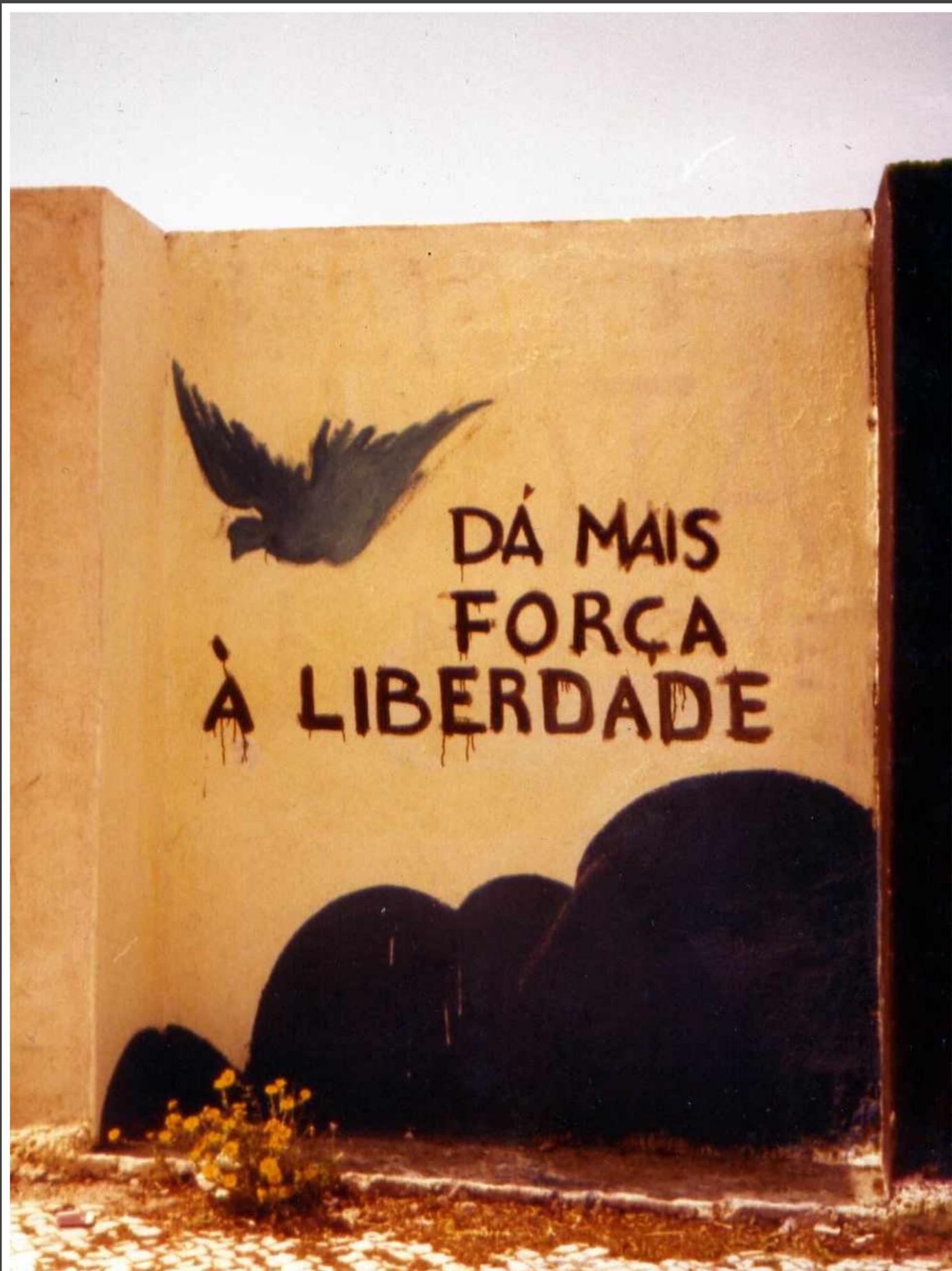
Como arquitectura  
Do homem que ergue  
Sua habitação





**Manifestação de regozijo da população aos soldados triunfantes, em Lisboa.**  
*27/04/74 Fotografia n° 8 Registo n° 1023 Ficheiro: opm1023.jpg*

*Fonte: Centro de Documentação 25 de Abril - Universidade de Coimbra*



*Local: "Lisboa: Avenida 24 de Julho"*  
Mural artístico com a seguinte palavra de ordem: "Dá mais força à Liberdade"

*Fonte: Centro de Documentação 25 de Abril - Universidade de Coimbra*



---

Biblioteca Municipal de Paredes

✉ [biblioteca@cm-paredes.pt](mailto:biblioteca@cm-paredes.pt)

☎ 255 788 921